

Dialogia e atorização: características do jornalismo midiaticado

Dialogism and role-playing: characteristics to the mediaticated journalism



DEMÉTRIO DE AZEREDO SOSTER¹

RESUMO

Propõe-se, no artigo, a incorporação de duas novas características ao jornalismo midiaticado: dialogia e atorização. A dialogia se estabelece quando o sistema jornalístico dialoga com outros sistemas por meio do acoplamento estrutural, transformando e sendo transformado nesse movimento (SOSTER, 2012b). Já a atorização, na perspectiva de Fausto Neto (2011), se dá quando o jornalista, até então um mediador dos acontecimentos, estabelece-se na processualidade sistêmica como um ator da mesma. Complexifica-se, com isso, também o estatuto de acontecimento de natureza jornalística. São operações da ordem do sistema e de seus dispositivos. Eleva-se, dessa forma, para cinco o número de características identificadas do jornalismo midiaticado: auto-referência, co-referência, descentralização, dialogia e atorização.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Jornalismo midiaticado. Midiaticação. Dialogia. Atorização.

ABSTRACT

We suggest in this article the inclusion of two new characteristics to the mediaticated journalism: dialogism and role-playing. Dialogism occurs when the journalistic system dialogues with other systems by means of structural pairing, transforming and being transformed in this movement (SOSTER, 2012b). With regard to role-playing, from Fausto Neto's (2011) perspective, it occurs when the journalist, departing from the role of mediator of the developments enters the systemic process and takes a role as an actor. It adds complexity to the statute of developments of journalistic nature. These are operations of the system and its mechanisms. Therefore, the number of characteristics identified in the mediaticated journalism is increased to five: self-reference, co-reference, decentralization, dialogism and role-playing.

KEYWORDS

Journalism. Mediaticated journalism. Mediatication. Dialogism. Role-playing.

Recebido em: 02/12/2013. Aceito em: 31/03/2015.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharel em Jornalismo pela Unisinos. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e chefe do Departamento de Comunicação da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). E-mail: dsoster@uol.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3224345340267508>.

1 NOVOS CENÁRIOS

Observa-se, aqui, a emergência daquelas que identificamos como duas novas características do jornalismo que denominamos midiaticado; aquele que, ao ser afetado pela midiaticação, midiaticiza-se, complexificando-se, reconfigurando-se: a dialogia e a atorização. A dialogia ocorre quando o sistema jornalístico² é irritado por outros sistemas, caso do literário, transformando e sendo transformado nesse movimento (SOSTER, 2012b). A atorização, na perspectiva de Fausto Neto (2011), se dá quando o jornalista, até então um mediador dos acontecimentos, passa a se estabelecer na processualidade sistêmica como um ator da mesma, instaurando novas ofertas de sentido, tencionando, dessa forma, não apenas o papel do jornalista enquanto mediador, mas, também, o estatuto do acontecimento de natureza jornalística.

Ainda que se estabeleçam mais visivelmente em instâncias processuais diferentes – a dialogia, em um primeiro momento, em termos de sistema, por meio de acoplamento estrutural;³ e a atorização no interior dos dispositivos, e na relação deste com o meio, repetindo, em seu interior, uma operação que é própria do sistema – acabam por afetar, cada uma a seu modo, a prática como um todo. Somadas às já identificadas auto-referência, co-referência e descentralização, elevam para cinco as características do jornalismo midiaticado.

Mais que especificidades funcionais, entendemos as cinco características identificadas do jornalismo midiaticado como bioindicadores de um momento de transformação da prática jornalística em suas mais diferentes instâncias. Momento este que requer gramática interpretativa específica e um escopo teórico adequado para dar conta da complexidade do mesmo; em nosso caso, formado pelas imbricação das teorias do jornalismo; dos sistemas, nos moldes de Niklas Luhmann (2009), e da narrativa.

² O sistema se personifica, em termos de forma e processualidade, pelos dispositivos jornais, revistas, rádios, televisões, sites e redes sociais, para ficarmos nos principais, no que eles têm de jornalístico, mas, também, nas instâncias de formação, pesquisa e extensão (universidades), legitimação (associações, sindicatos, federações), prática (o exercício da atividade) e reconhecimento (crítica da mídia), cujo escopo seja o jornalismo.

³ Por acoplamento estrutural vamos compreender o diálogo que se estabelece entre dois sistemas (em nosso caso, jornalístico e literário) pelo viés da informação; ou seja, o que, em cada sistema, e em uma perspectiva dialogal, produz irritação e, portanto, transformação.

Dialogia e atorização:

características do jornalismo midiaticado

Nosso caminho metodológico se iniciará por uma explicitação conceitual do que entendemos por dialogia e atorização; sua localização relacional no espectro do jornalismo midiaticado; discorrerá sobre alguns exemplos; descreverá as categorias, para, finalmente, se lançar às considerações interpretativas. Começemos por explicar o que entendemos por dialogia, conceito que trouxemos à tona com a publicação do livro *Narrativas comunicacionais complexificadas*, onde vinculamos o mesmo a uma perspectiva antes processual-sistêmica, nos moldes de Nicklas Luhmann, que linguístico-discursiva, como o fez Mikhail Bakhtin seminalmente.

As visadas têm, em comum, a lógica da interação sugerida pelo antepositivo *dialog*, que remete à interação entre duas ou mais partes. Mas se distinguem – e distinguir-se, aqui, significa, antes, fortalecer identidades que se separar – à medida que, na perspectiva sistêmica, desloca-se o sentido antropocêntrico do conceito, ainda que sem prescindir totalmente deste, e observa-se o mesmo pelo viés das processualidades sistêmicas. Bakhtin também pensou a dialogia na relação entre objetos, ou mesmo fenômenos, é bem verdade, mas não em termos sistêmicos-processuais, eis o ponto em que se estabelece a especificidade do conceito aqui utilizado. Mais que segmentar, implica, aqui, portanto, em delimitar o marco teórico utilizado na angulação proposta.

6 |

2 DIÁLOGO ENTRE SISTEMAS

Observar o que significa, ao sistema jornalístico, afetar e ser afetado processualmente por outro sistema, em nosso caso o literário, implica considerar a) que esse diálogo ocorre desde o surgimento do jornalismo, em algum lugar da Europa Central; b) que se potencializa em um determinado cenário, c) que ocorre relacionalmente, e, principalmente, d) que se estabelece, neste cenário, como estratégia de constituição identitária do próprio sistema. Circunscreveremos nossa análise ao que afeta o jornalismo nessa relação, deixando as transformações por ele provocadas na literatura para outro momento.

No primeiro caso – o diálogo ancestral entre jornalismo e literatura – pode ser observado, por exemplo, por meio da categorização proposta por

Marcondes Filho (2000), segundo a qual o período considerado como “primeiro jornalismo” (de 1789 a 1830, aproximadamente), quando se inicia o processo de profissionalização da prática, possuía matizes político-literários e tinha entre seus agentes escritores. O “romance de folhetim”, ou simplesmente “folhetim”; aquele que, nas palavras de Bulhões (2007), inicialmente representava apenas um espaço de variedades (charadas, anedotas, receitas etc.) ao fim das páginas dos jornais, ilustra o que estamos afirmando:

Aos poucos, a ficção vencerá a concorrência, tornando-se o grande atrativo das massas urbanas. Entre 1842 e 1843, o *Journal des Débats* publica *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue, consolidando os contornos de um gênero popular – *mediático*, como diríamos hoje –, com o desenrolar de uma série de tramas de amor, aventura e suspense, intermináveis e publicadas em pedaços nas folhas do jornal diário. A partir daí, a palavra *folhetim* estará muito associada à ficção romanesca publicada em jornais. (BULHÕES, 2007, p. 32).

Não nos estenderemos por demais nesse aspecto; basta, por hora, pontuar, pelo viés dos exemplos, que o acoplamento estrutural entre os sistemas jornalístico e literário é antigo e que se intensifica ao longo do século XIX, recrudescendo mais adiante, no século XX, com a profissionalização do jornalismo, para adquirir nova potência nos dias que se seguem, com a emergência do jornalismo midiaticizado (SOSTER, 2012b, 2011a, 2011b; PICCININ; SOSTER, 2010). Nesse cenário, midiaticizado, e eis que chegamos aos itens b) e c), temos a literatura presente nos jornais e revistas, para ficarmos em dois, em uma perspectiva de natureza identitária. Ou seja, cujas ofertas de sentido – e revista *Piauí*⁴ é um exemplo claro do que estamos afirmando, assim como o foi na década de 1960 a mítica *Realidade* – fazem com que os dispositivos jornal e revista se distingam dos demais dispositivos que compõe o sistema jornalístico, estabelecendo, com isso, diferenças que geram diferenças, e garantindo sua viabilidade operacional no sistema em que se inserem (SOSTER, 2009b), bem como a manutenção do próprio sistema na relação com os demais sistemas (político, econômico, judiciário etc.).

Estamos nos referindo a modelos de narrativa que são afetados, pela midiaticização, em suas mais diversas instâncias, caso de sua estrutura textual; que emergem da imbricação entre dois campos do

⁴ Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/>>.

Dialogia e atorização:

características do jornalismo midiaticado

conhecimento distintos, ainda que complementares, caso do jornalismo e da literatura, garantindo, nessa aproximação, em uma perspectiva antes dialogal que dialética, novas e sucessivas formas ao fazer jornalismo. (SOSTER, 2012b, p. 105).

Um caminho possível para identificarmos o fenômeno da dialogia enquanto característica do jornalismo midiaticado é observarmos algumas de suas marcas nos dispositivos jornalísticos, à revelia de sua natureza (impressos, digitais, eletrônicos etc.), pelo viés da narratologia. Ou seja, por um olhar que procura “[...] descrever de forma sistemática os códigos que estruturam a narrativa, os signos que esses códigos compreendem, ocupando-se, pois, de um modo geral, da dinâmica de produtividade que preside à enunciação dos textos narrativos” (REIS; LOPES, 1988, p. 79). Importante salientar, nessa perspectiva, que a narratologia não observa apenas os textos literários, mas abarca, também, práticas narrativas de natureza comunicacional, caso do jornalismo e suas formas.

8 | É o que temos feito no esforço de pesquisa que realizamos na parceria entre o curso de Comunicação Social da UNISC e o Programa de Pós-Graduação em Letras da universidade, onde lecionamos. Por meio do trabalho desenvolvido pelos grupos de pesquisa por nós coordenados,⁵ relatados em artigos e capítulo dos livros que publicamos desde então (SOSTER, 2012a, 2012b, 2011a, 2011b; PICCININ; SOSTER, 2010), identificamos a presença da dialogia nos relatos de revistas, jornais e, mais recentemente, em livros-reportagem e biografias de natureza jornalística. No caso dos jornais e revistas, analisamos o fenômeno a partir da análise dos textos dos jornais *Zero Hora* e *Gazeta do Sul*,⁶ ambos gaúchos e de circulação diária, mas com circulação

⁵ De 2010 a 2012, coordenamos a pesquisa *A narrativa jornalística em sua intersecção com a literatura*, e, em março desse ano, demos início ao grupo *Jornalismo e literatura: narrativas reconfiguradas*. O objetivo, em ambos os casos, é observar as complexificações que se estabelecem a partir do acoplamento estrutural entre os dois campos. A diferença, comparados os momentos, é que, até 2012, estudamos, também, as narrativas de natureza audiovisual, sendo que, a partir desse ano, o foco se estabelece sobre os livros-reportagem e as biografias de natureza jornalísticas.

⁶ *Zero Hora* e *Gazeta do Sul* foram escolhidas por se tratar de dois dos mais importantes jornais diários do Rio Grande do Sul. Desenvolveu-se, à época, uma tabela, por meio da qual se pudesse isolar, em período determinado, as categorias e gêneros jornalísticos encontrados no jornalismo, tendo como referência a categorização de José Marques de Melo (2010). A esta análise, de natureza quantitativa, sucedeu-a outra, qualitativa, onde se buscou compreender o que a incidência das categorias narrativas significava no contexto proposto.

regional em termos de estado (Rio Grande do Sul) e cidade (Santa Cruz do Sul), bem como da revista *Piauí*, de abrangência nacional.

Por economia de espaço, não nos alongaremos demais na digressão, mas destacaremos que os resultados das pesquisas sugerem que o sistema jornalístico busca na literatura, com cada vez mais frequência e intensidade, os subsídios que necessita para se estabelecer identitariamente frente aos demais dispositivos e ao sistema que integra como um todo. E que o mesmo ocorre com a literatura, quando se vale de operações de natureza comunicacional para realizar suas ofertas de sentido. Com isso, repetem, jornalismo e literatura, uma lógica operacional que é própria das operações de natureza sistêmica.

Vejamos dois exemplos encontrados na pesquisa referida (SOSTER, 2012b).⁷

No perfil intitulado *Disputa ao Piratini: Pedro Ruas em 14 horas*,⁸ veiculado à página 18 de *Zero Hora*, edição do dia 29 de outubro de 2010, a matéria, de Fernanda Zaffari com fotos de Diego Vara, publicada em uma página e ilustrada com dez fotografias, integrava uma série que enfocava o que chamava, na linha de apoio, de o “lado mais pessoal e menos político dessas figuras políticas”. É o que pode ser visto no primeiro parágrafo, quando, ao invés de um lead, era descrita a forma de se vestir de Pedro Ruas.

O candidato do PSOL ao governo do Estado, Pedro Ruas, 54 anos, é marcante quando o assunto é estilo: usa óculos de armação larga e preta, os da hora são Dolce & Gabbana, e veste sempre suspensórios. – Uso há muito tempo, desde criança – contou logo cedo, no café da manhã no comitê do PSOL. (ZAFFARI, p. 18, 2010).

A descrição de detalhes aparentemente irrelevantes – marca e a forma de um óculos e o uso de suspensórios – empresta novas dimensões ao entrevistado. Torna-o por meio da narrativa, um personagem. Quem nos informa a esse respeito é um narrador que, mais que narrar, testemunha o que está ocorrendo naquele momento, na casa do personagem, e que se desvela quando explica que determinada informação foi obtida “[...] logo cedo, no café da manhã [...]”.

⁷ Por estarmos nos referindo aos achados das pesquisas anteriores, os exemplos utilizados aqui como ilustração dirão respeito ao que foi encontrado naquele momento.

⁸ Jornal *Zero Hora*, ano 47, nº 16.462, 2º edição, dia 29 de outubro de 2010, p. 18.

Dialogia e atorização:

características do jornalismo midiático

Encontramos estruturas narrativas dessa natureza também no texto *Mulher no leme*, veiculado na edição 58 da revista *Piauí*.⁹

TERÇA-FEIRA Acordo às cinco da manhã. Tive uma noite terrível, com insônia, frio na barriga e ansiedade com o embarque. Apesar de estar no batente há mais de uma década, vivo cada embarque como se fosse o primeiro. Nunca deixo de orar. Despeço-me do meu marido pela internet, dou um beijinho no papagaio, que não para de falar, e no meu cachorro, que vem com o galinho de plástico para brincar – parece que adivinham que estou partindo.

Entro no táxi e sigo para o aeroporto. Tenho pavor de voar. No meio do caminho, percebo que esqueci meu quepe da Marinha, o cinto branco e as platinas. Mas não tenho mais tempo para retornar e o trânsito está terrível.

Meu marido, quando voltar, me enviará o que falta pelo correio.

Na chegada a Manaus, depois da escala em Brasília, sigo direto para bordo e sou recebida no portal ó, a escada de acesso ao navio, pelo comandante Brabo, que irei render. Fazemos uma breve reunião, seguida de outra com dois auditores internos e dos primeiros contatos com os demais tripulantes. Às 18 horas assumo o comando do NT (Navio-Tanque) Carangola. Ele tem 22 anos de idade e foi construído em um estaleiro do Rio de Janeiro. (BAHIA, 2011).

10 | Estamos falando de um modelo narrativo mais próximo da literatura que do jornalismo, a começar pelo fato de uma personagem chamada Hildelene Lobato Bahia, de 37 anos, assumir para si a responsabilidade dos acontecimentos, o que pode ser observado já a partir da assinatura do texto. Observe-se que é escrito em primeira pessoa, sendo que o sentido de autorialidade é reforçado a todo momento por meio de verbos como “acordo”, “tive”, “vivo”, “dou” etc. O narrador é protagonista,¹⁰ ou seja, coloca-se, por meio da personagem Hildelene, na posição de quem vive aquele momento para melhor descrevê-lo. E se vale de estratégias próprias da literatura para fazê-lo, caso das subjetividades, ainda que, aqui e ali, preocupe-se em emprestar um sentido de real ao contexto.

Os aspectos subjetivos podem ser constatados em expressões como “Despeço-me do meu marido pela internet, dou um beijinho no papagaio, que não para de falar, e no meu cachorro, que vem com o galinho de plástico para brincar – parece que adivinham que estou partindo.” e “Tenho pavor de voar.”

⁹ Revista *Piauí*, edição 58, 2011, p. 18-19.

¹⁰ “Como protagonista da narração, ele [o narrador] é detentor de uma voz observável ao nível do enunciado por meio de intrusões, vestígios mais ou menos discretos da sua subjetividade, que articulam uma ideologia ou uma simples apreciação particular sobre os eventos relatados e as personagens referidas.” (LOPES; REIS, 1988, p. 63).

Cães, sabemos, não “adivinham” despedidas e “pavor de voar” representa, antes, um ponto de vista tão impreciso quanto carregado de subjetividades que necessariamente uma informação. Já o sentido de real fica por conta da preocupação que a personagem Hildelene tem de, a cada trecho, descrever detalhes de sua rotina. “Às 18 horas assumo o comando do NT (Navio-Tanque) Carangola. Ele tem 22 anos de idade e foi construído em um estaleiro do Rio de Janeiro.” (BAHIA, 2011).

Mais recentemente, em janeiro de 2013, o agora mestre Ricardo Duren, sob nossa orientação, defendeu a dissertação *Mais real que a realidade: a obra 1808 e o uso de elementos da narrativa literária pelo jornalismo* (DUREN, 2013), onde, como o nome sugere, observa a utilização, pelo jornalismo, de recursos que são próprios da literatura, caso do efeito de real.¹¹ Para quê? Entre outros, para reforçar, no âmbito da narrativa, a sensação que o texto de Laurentino Gomes, que é jornalista, trata de assuntos reais, do mesmo modo que ocorre com romances, contos etc. Com a diferença que, no caso de 1808, estamos falando de um livro-reportagem, ou seja, um texto que “[...] apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro dos meios de comunicação jornalísticos periódicos.” (LIMA, 2009, p. 26). E, se é reportagem, não necessitaria, em tese, de nenhum subsídio para reforçar a realidade a que se refere. A presença de elementos como ‘efeito de real’ se insere, nessa perspectiva, portanto, como um indicativo que está em processo, naquele momento, uma narrativa antes literária que jornalística, com o propósito, como dissemos, de estabelecer diferenças e oferecer, dessa forma, novos vínculos.

Outro trabalho, no âmbito das pesquisas que nos referimos anteriormente, dessa vez realizada pela agora mestre Kássia Nobre dos Santos, intitulado *Quando a fonte vira personagem: análise do livro-reportagem “A vida que ninguém vê”, da jornalista Eliane Brum* (SANTOS, 2013), sob orientação da professora Fabiana Piccinin, observou um outro aspecto das metamorfoses a

¹¹ Por efeito de real, conceito desenvolvido por Roland Barthes, podemos compreender o uso, na narrativa literária, de elementos que, aparentemente, não têm nenhuma importância no contexto do que é narrado, mas que, uma vez lá, empresta, a quem acessa o texto, a sensação de que aquilo é, efetivamente, real. É como descrever a presença de um quadro na parede, ou um vaso sobre a mesa, sem que esse elemento tenha, necessariamente, alguma importância na narrativa em processo que não ilustrativa.

Dialogia e atorização:

características do jornalismo midiaticizado

que estamos nos referindo. Nesse caso, a mudança de estatuto da fonte a partir do acoplamento estrutural entre os sistemas jornalístico e literário. A pesquisa observou doze das vinte e três reportagens presentes na obra analisada da jornalista para a identificação e a análise de marcas textuais que evidenciassem a transformação das fontes em personagens e, conseqüentemente, a humanização da narrativa.

Assim, as escolhas de Brum demonstram a possibilidade de o repórter tornar-se um narrador literário e utilizar-se de estratégias já reconhecidas por romancistas para melhor apresentar a realidade ao leitor. Atitude esta que vai de encontro ao jornalismo que se diz por princípio neutro e imparcial em seu relato e à ideia de que o jornalista não pode interpretar a realidade, apenas informar sobre ela, principalmente na categoria do gênero informativo. O jornalista, como narrador literário, amplia a visão do leitor sobre os fatos e pessoas e, assim, pode – como fez Eliane Brum – ter uma fonte complexa que engloba valores, posicionamentos e atitudes para desmistificar a figura humana. (SANTOS, 2013, p. 116).

Dito isso, passemos para a quinta característica do jornalismo midiaticizado, a atorização.

12 | 3 MAIS QUE REPÓRTERES, ATORES QUE CHORAM

Aquele que identificamos, na sistematização em processo, como a quinta característica do jornalismo midiaticizado foi trazida à discussão por Antônio Fausto Neto em 2011, na comunicação que observou, pela primeira vez de forma coordenada, no âmbito da SBPJor, a midiaticização do jornalismo. Na perspectiva de Fausto Neto, e em decorrência das complexificações que se dão sobre a prática jornalística quando essa é afetada pela midiaticização, a atividade, nesse cenário identificado, deixa o lugar histórico de representação, possível a partir de seu reconhecimento como atividade de mediação e passa a exercer outro papel.

No âmbito midiático jornalístico verifica-se uma imensa e profunda mutação que afeta seu ambiente, rotinas, métodos de trabalho e, particularmente, no status dos seus peritos. Segundo nossa hipótese, as novas relações dos meios jornalísticos com os campos e os atores sociais (estes também afetados pela midiaticização) geram uma nova matriz enunciativa, e cujo primeiro efeito se constitui no deslocamento do trabalho jornalístico de uma esfera tecno-simbólica de mediação, para uma outra, que chamaríamos de “atorização” propriamente dita. (FAUSTO NETO, 2011, p. 4).

Por essa perspectiva, estamos diante da atorização enquanto característica do jornalismo midiaticizado quando o jornalista, por exemplo, “[...] passa a chamar atenção para sua existência, para a natureza do seu trabalho, especialmente o que faz

desenvolver a monitoração dos seus interlocutores (receptores), com objetivo de fazê-los passar de uma mídia à outra.” (FAUSTO NETO, 2011, p. 5). Importante observar, nesse sentido, que se trata de uma operação de natureza auto-referencial, à medida que se dá no interior dos dispositivos e que remete às operações desse, mas que possui estatuto, essa processualidade, distinto da auto-referência enquanto característica do jornalismo midiaticizado, nos moldes que descreveremos mais adiante. Nesse caso, a “natureza auto-referencial” diz respeito a uma forma de operação que é própria de todos os sistemas.

O caso de Sandra Annenberg, repórter do *Jornal Hoje*, da *Rede Globo*, ilustra o que estamos afirmando. Em matéria exibida a 9 de maio de 2013,¹² a jornalista, em um primeiro momento, relata o sofrimento de uma filha que encontra sua mãe, dependente de crack, na rua. A reportagem segue, inicialmente, o padrão televisivo jornalístico para coberturas dessa natureza: cenas do reencontro, entrevistas com a usuária de drogas e com especialistas, depoimentos, *close-ups* etc. Ao final, do entanto, já no estúdio, Annenberg realiza um depoimento, transmitido ao vivo, onde descreve tudo o que sentiu e quando afirma que chorou em decorrência do que havia protagonizado nas ruas de Belo Horizonte, quando da apuração do acontecimento. Ou seja, deixa o lugar de referência e se coloca como protagonista do acontecimento, transformando sua percepção, e emoção, em matéria de natureza jornalística.

FIGURA 1 – A JORNALISTA SANDRA ANNENBERG EXPLICA O QUE VIU E SENTIU DURANTE A REPORTAGEM



Fonte: *Youtube*.

¹² Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=EdMCZLVvU2g>>.

Dialogia e atorização:

características do jornalismo midiático

A mesma jornalista, em outro momento,¹³ em 16 de fevereiro de 2013, durante o programa *Globo Cidadania*, ocupou 5'52" do tempo para dizer como ocorreu a cobertura da tragédia ocorrida em Santa Maria, Rio Grande do Sul, quando um incêndio em uma casa noturna matou 242 pessoas e deixou feridas um número de proporção igualmente relevante. Observe-se, na matéria, que não se trata de editorializar o programa, explicando, quem sabe, por meio da auto-referência, as operações realizadas pelos atores que trabalha no programa. Trata-se, antes, a nossos olhos, de uma ofertas de sentidos diferentes daquelas que usualmente encontramos na cobertura midiática. Nesse caso, com um destaque acentuado para o que a jornalista presenciou, e sentiu, naquele episódio.

FIGURA 2 – A REPÓRTER COMO PROTAGONISTA DO ACONTECIMENTO



Fonte: *Youtube*.

Trata-se de um movimento próprio da midiatização, como aponta Fausto Neto (2011), e, nela, em nossa perspectiva, da midiatização da atividade jornalística. Por esse viés, o jornalista abandona a “maquinaria enunciativa” e passa a chamar atenção para sua existência, para a natureza do seu trabalho, provocando, dessa maneira, transformações as mais diversas.

O funcionamento destas operações produz, além do ator, uma nova noção de acontecimento, este resultante de intensas e ininterruptas intervenções de novos processos tecno-enunciativos desferidos pela complexidade dos dispositivos desta nova realidade midiática. Neste novo entorno os atores desdobram-se em várias enunciadores,

¹³ Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globocidadania/videos/t/globocidadania/v/sandra-annenberg-fala-sobre-o-trabalho-na-cobertura-da-tragedia-em-santa-maria/2395429/>>.

através de diferentes atuações a ambiência. Este é para nós um dos principais níveis de atorização do trabalho jornalístico. Nele desaparece o mediador em suas “funções clássicas” de ligação de um ponto a outro – fontes e leitores. E, em seu lugar, surge o ator, dispositivo que avoca si o trabalho de impor ao acontecimento um novo processo de sua captura bem como marcas outras sobre esta atividade capturadora. (FAUSTO NETO, 2011, p. 6).

Tem-se, dessa forma, e na mesma linha de raciocínio, o que Fausto Neto chama de uma “autoria desinvestida da apuração e de outros procedimentos da cultura jornalística”. Em palavras mais simples, no lugar de velhos processos de construção do acontecimento, nasce uma prática jornalística cujo poder de inteligibilidade repousaria no ‘relato de sensações pessoais’. Compreender essa dinâmica processual implica observar, como é apontado por Fausto Neto com base em Mouillaud e Dayrell (1997), que os jornais, revistas, televisões, rádios e sites são dispositivos, ou seja, “[...] lugares materiais ou imateriais nos quais se inscrevem (necessariamente) os textos (despachos de agências, jornais, livro, rádio, televisão etc.” (1997, p. 34), e que são geradores de sentido. Mas, também, como observamos em outro momento (SOSTER, 2009b), partes constituintes – na verdade, conexões – de uma estrutura mais ampla, que denominamos “sistema jornalístico”, que dialoga a) com o ambiente em que se insere e b) com os demais sistemas, sejam eles sociais ou não, e que tanto transformam como são transformados nessa processualidade.

É preciso observar, ainda, de um lado, como dissemos, que as operações do sistema jornalístico são auto-referenciais, que é a forma de operação dos sistemas (LUHMANN, 2009), e que visam, ao final, a manutenção do próprio sistema por meio da redução de sua complexidade interna. Como ilustração, e ainda no rastro do que ocorreu em Santa Maria, podemos dizer que um acontecimento de grandes proporções foi absorvido, em um primeiro momento, pelos dispositivos do sistema jornalístico como irritação (o acontecimento bruto) e devolvido, ao ambiente externo como informação de natureza jornalística, sendo absorvido e devolvido muitas vezes a partir de então. Com esse movimento, o sistema jornalístico não apenas viabilizou suas operações no evento relatado, como também se fortaleceu identitariamente frente aos demais sistemas e ao meio em que se insere.

Dialogia e atorização:

características do jornalismo midiaticado

Ocorre que essa operação se verifica, também, no interior dos dispositivos que compõem o sistema jornalístico, no caso do exemplo da 'repórter que chora', a televisão. Por este viés, os dispositivos acabam realizando em seu interior a mesma operação do sistema em que se inserem, transformando e sendo transformado nesse movimento. E é nesse lugar processual que se estabelece a atorização e a metamorfose no estatuto do acontecimento, por meio da complexificação dos critérios de noticiabilidade.

Dito isso, reunimos condições, agora, de sistematizar todas as características do jornalismo midiaticado. Mais que reificar o fenômeno que identificamos como jornalismo midiaticado, aquele que, ao ser vetor, por meio de seus dispositivos, de midiaticação, é afetado pela processualidade dessa, midiaticando-se, o que pretendemos, ao descrever suas cinco características identificadas, é fornecer um mapa conceitual por meio do qual o mesmo possa ser identificado em suas operações. Feito isso, encaminharemos as considerações interpretativas.

16 |

4 CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO MUDIATICADO

4.1 Auto-referência

A auto-referência se estabelece quando os dispositivos fazem referência a si próprios ou às suas próprias operações em seus relatos. O fenômeno, verificável no âmbito do texto – escrito, imagético ou em áudio – se estabelece, de um lado, por meio de marcas, ou, ainda, pelo relato dos movimentos realizados pelos agentes. No caso dos impressos, elas são identificáveis, em termos de marcas, usualmente por palavras grafadas em bold, italic etc. No que tange à referência às operações do dispositivo, como dissemos, pela descrição das mesmas, o que ocorre quando os editoriais, quando, mais que assinados, explicam as matérias foram elaboradas. Estabelece-se, dessa maneira, novas ofertas de sentido.

4.2 Co-referência

Verifica-se quando as operações textuais dos dispositivos fazem referência a outros dispositivos em seus enunciados, por meio do acoplamento

estrutural, caracterizando, dessa forma, o fechamento operacional do sistema jornalístico. O que provoca esse diálogo é a informação, quando provoca irritação. É quando, a título de exemplo, um jornal se refere a uma notícia que foi publicada em um outro jornal; o jornal fazendo referência ao conteúdo do rádio, e assim sucessivamente. Importante observar que a co-referência é tão antiga quanto o jornalismo, à medida que os jornais e as revistas impressas, desde pelo menos o século XVII, referem-se a conteúdo de outras publicações ou mesmo de agências de notícias. O que muda, nesse cenário, é a potência com que se estabelece.

4.3 Descentralização

Diferentemente da auto e da co-referência, percebemos a descentralização no âmbito da enunciação, ou seja, do lugar institucional que ocupam os dispositivos em suas operações. Isso pode ser percebido, por exemplo, quando observamos que a primazia da oferta de sentidos já não é hegemônica, e que se verifica, também, e com a mesma lógica, a partir daqueles dispositivos que antes estavam relegados à margem do sistema midiático-comunicacional, caso dos *blogs* e páginas de redes sociais. Pensar a descentralização implica admitir que a forma do sistema é, antes, rizomática que axiomática, e que isso se deve, em muito, às características operacionais da internet, que amalgama o sistema jornalístico, antes complexa que linear.

17

4.4 Dialogia

Explicitado ao longo desse artigo, diz respeito ao que resulta do acoplamento estrutural entre dois sistemas, provocando transformações em um e outro. É quando o jornalismo, por exemplo, vai buscar na literatura subsídios para estabelecer diferenças, reconfigurando-se nas instâncias de emissão, recepção, circulação e reconhecimento, ou quando, dialogicamente, a literatura passa a se valer de lógicas comunicacionais para dar conta de seus processos.

4.5 Atorização

Metamorfose se que estabelece no interior do dispositivo, e por meio da qual os agentes, nesse caso, os jornalistas, passam a realizar novas ofertas de

Dialogia e atorização:

características do jornalismo midiaticado

sentido a partir de sua percepção particular dos acontecimentos. Transforma-se, com isso, tanto o papel do agente como do acontecimento. Os primeiros, tornam-se antes atores que mediadores. Já a noção de acontecimento para a operar a partir de novos critérios de noticiabilidade, focados antes na oferta de sentidos que emerge dos agentes que em perspectivas referenciais externas aos dispositivos.

5 CONSIDERAÇÕES INTERPRETATIVAS

Ao longo desse artigo, buscamos agregar, e explicitar, duas novas características ao que denominamos de jornalismo midiaticado: a dialogia e a atorização. Unidas às já identificadas auto-referência, co-referência e descentralização, elevam para cinco os mecanismos por meio dos quais a prática jornalística, uma vez midiaticada, pode ser identificada em sua processualidade tanto no âmbito dos dispositivos como do sistema em que se inserem, nesse caso jornalístico.

18 | É importante observar, por outro lado, em consonância com a natureza da midiaticação, que as categorias aqui descritas prestam-se, antes, como indexadores, ou seja, como indicativos de uma complexidade maior, do que como mecanismos de compartimentalização, ou reificação, dessa ou daquela processualidade. Ou seja, dialogam com o objeto em movimento, transformando-se, conforme apontamos em momento anterior, e “[...] afetando e sendo afetadas nesse movimento, exigindo, daquele que pesquisa, mais que versatilidade conceitual, novos e sucessivos instrumentos analíticos.” (SOSTER, 2010, p. 8).

Compreender o que isso significa no âmbito do jornalismo midiaticado é o desafio que se apresenta daqui para frente. 

REFERÊNCIAS

BAHIA, Hildelene Lobato. Mulher no leme. **Piauí**, n. 58, p. 18-19, jul. 2011. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-58/diario/mulher-no-leme>>. Acesso em: 8 jun. 2012.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

DUREN, Ricardo. **Mais real que a realidade:** a obra 1808 e o uso de elementos da narrativa literária pelo jornalismo. 2013, 204 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.

FAUSTO NETO, Antônio. Transformações nos discursos jornalísticos: a atorização do acontecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9., 2011, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2011. Disponível em: <http://www.sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/9encontro/CC_01.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2012.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2009.

LOPES, Ana Cristina M.; REIS, Carlos. (Org.) **Dicionário de teoria narrativa.** São Paulo: Ática, 1988.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas.** Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

MOUILLAUD, Maurice; DAYRELL, Sergio (Orgs.). **O jornal da forma ao sentido.** Brasília: Paralelo 15, 1997.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Jornalismo diversional e jornalismo interpretativo: diferenças que estabelecem diferenças. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1142-2.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2010.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa.** São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, Kássia Nobre. **Quando a fonte vira personagem:** análise do livro-reportagem "A vida que ninguém vê", de Eliane Brum. 2013, 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. A midiaticização das narrativas na seção Diário da revista Piauí. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9., 2011, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2011a. Disponível em: <http://www.sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/9encontro/CC_02.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2011.

_____. Auto-referência e co-referência nas páginas do jornal Folha de S.Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7., 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2009a. Disponível em: <http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/dem%C3%A9trio_de_azeredo_soster.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2009.

Dialogia e atorização:

características do jornalismo midiaticizado

_____. Jornalismo e literatura: narrativas reconfiguradas. In: GAI, Eunice Piazza; OLIVEIRA, Vera Lúcia. **Narrativas brasileiras contemporâneas em foco**. Santa Maria: Editora UFMS, 2012a.

_____. **O jornalismo em novos territórios conceituais**: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos. 2009, 176 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009b.

_____. Processualidades complexificadas. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. **Midiaticização e processos sociais**: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010.

_____. Sistemas, complexidades e dialogias: narrativas jornalísticas reconfiguradas. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Orgs.). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012b.

SOSTER, Demétrio de Azeredo et al. Narrativas literárias no jornalismo impresso diário: o caso dos jornais Zero Hora e Gazeta do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., Recife, 2011. **Anais eletrônicos...** Recife: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011b. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0273-1.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2011.

ZAFFARI, Fernanda. Disputa ao Piratini: Pedro Ruas em 14 horas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 18, 29 out. 2010.